

## **Amaro & Arteiro ficção e realidade se confundem: um crime em Acaraú de 1931.**

Antonia Lilian Ferreira de Paiva<sup>†</sup>

Francisco Dênis Melo<sup>‡</sup>

### **Resumo**

O presente trabalho pretende fazer uma análise comparada de uma história real a história do padre Arteiro Pároco de Acaraú-CE que acaba sendo assassinado por conta de um envolvimento amoroso, história que pode ser comprovada a partir de documentos (cartas, telegramas e jornais do ano de 1931 existentes no Núcleo Estudos e Documentação Histórica –NEDHIS do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA ) e uma obra ficcional, se trata da obra de Eça de Queiroz “O Crime de Padre Amaro” que também vai falar da fraqueza da carne. Pretendemos assim abordar a questão do sexo âmbito religioso e talvez um pouco mais além. Para tal nos utilizaremos de autores que trabalhem com essa temática, tais como Roger Chartier na História e Literatura, Michel Foucault com sua História de Sexualidade também enveredaremos para a produção da escrita de si, pois se vamos trabalhar com cartas necessitamos de leituras que nos dê embasamento teórico, para tal nos faremos uso do livro O Historiador e suas fontes organizado por Carla Bassanezi Prinsky e Tania Regina Luca, entre tantos outros que possam nos ser úteis. Através do diálogo com os autores e o cruzamento das fontes poderemos assim formular bem nossa interpretação sobre o assunto.

Palavras-chave: História e Literatura, Celibato, sexo e amor.

---

<sup>†</sup> Acadêmica do 8 período do curso de História da Universidade Estadual Vale Acaraú - UVA

<sup>‡</sup> Doutorando pela Universidade Federal de Pernambuco, Professor da Universidade Estadual Vale Acaraú - UVA

Pretendemos fazer uma comparação entre ficção e realidade. Tomarei como obra a ser comparada e analisada o livro “O Crime do Padre Amaro” de Eça de Queiros, que conta a história de um padre que se rende as tentações, em que se assemelha ao caso de Padre José Arteiro de Sousa pároco de Acaraú em 1931, ele como Amaro não conseguiu resistir aos encantos de uma bela mulher. Desse modo deveremos tocar nas feridas que o celibato imposto aos padres pode causar a uma sociedade, como pode ser possível um homem negar sua natureza sendo o esposo fiel de Cristo se sua carne grita pelo prazer que necessita? Não se pode amar Deus e permanecer homem? É menos digno um homem que escolhe estar ao lado de uma mulher e seguindo os preceitos de sua religião com fidelidade? O que há por trás de tal modificação, onde até certo tempo era permitido aos padres casarem e terem filhos? Estas são algumas das questões que desejamos buscar as respostas.

Para tal trabalho iremos nos utilizar de dois casos distintos um real (Padre Arteiro, Pároco de Acaraú em 1931) e de Padre Amaro do romance de Eça de Queiroz. Realidade e ficção se misturam e de certa forma contam “uma mesma” história, onde um padre se rende as delícias da carne nos braços do objeto de seu desejo, nestes dois casos duas mulheres, o que vem a por em xeque regras impostas e que são quebradas inúmeras vezes na história da igreja cristã. Esses romances proibidos acabam por gerar frutos e um terrível desfecho em ambas as histórias levando à morte as duas moças.

Augusta personagem real acaba engravidando de Pe Arteiro, segundo carta de onze de maio de 1931 e influenciada por seu amante a tomar um abortivo evitando assim o fruto indesejado, porém a moça desconsolada toma o remédio não com esta intenção mais de extinguir sua existência, envergonhada talvez pelo fato de seu estado ou desgostosa por não poder viver esse amor ao lado de Arteiro e seu filho. Já a personagem de Eça: Amélia também engravidada de Amaro, acaba indo se isolar do convívio da sociedade e de sua família a fim de esconder o fruto que haviam gerado, ela sofre com a distância dos que ama e os maus tratos de sua madrinha, tudo colabora para seu desfecho final onde após um parto complicado vem a falecer e seu filho entregue por Amaro a uma “Tecedeira de Anjos” acaba tendo o mesmo fim.

Padre Amaro sai ileso de seu “crime” indo embora de Leiria, cidade onde ocorre o romance, deixando para traz a dor de uma mãe que não mais veria sua filha, para desfrutar das regalias que seu cargo poderia lhe oferecer. Não podemos dizer o mesmo de Padre Arteiro, pois, seu crime é descoberto e o mesmo vitimado no dia 19 de julho do mesmo ano dentro da igreja onde pregava a palavra, sendo seu algoz o irmão de Augusta (Hilderbrando) que vem especificamente do Rio de Janeiro para lavar a honra da família com sangue.

Temos dentre as fontes que serão utilizadas para tal pesquisa temos: telegramas, cartas e recortes de jornal (Documentação existente no Núcleo de Estudo e Documentação Histórica – NEDHIS). Os dois primeiro endereçadas para Dom José Tupinambá da Frota, Bispo Diocesano de Sobral. Podemos citar uma carta do dia 29 de maio que diz:

*Acarahú, 29 de Maio de 1931*

*Examo Sr. D. José Tupinambá da Frota*

*E de intera justiça que se informa a V. Excia Reverendissima dos modos pouco recomendáveis do vigario desta freguesia. Nunca elle deixou de mostrar acentuada tendencia libidinosa mesmo a quem não quisesse notar e agora ficou claramente provado: de pastor passou a verdadeiro lobo, porque já fes a sua 1º victima que desta vida se passou sob a influencia de poderoso abortivo que tomára para digo que tomára a conselho do seu algoz, não na certeza de morrer, mas na ilusão de fazer esconder do publico os pronunciados sintomas de gravidez. Os boatos que procederam a semelhante desgraça nunca se*

*passavam modo discretos pois o namoro entre elle e a desgraçada victima sempre foi (mostrada pelo) publico em geral que já a tomara falta de respeito. A toda hora do dia era ella vista entrar na sua casa (delle) com o desassombro de quem não era vista e sempre se demorava o tempo bastante para provocar a malicia publica. Quando sahia elle o fazia logo depois a caminho da igreja Afamilia da infeliz moça sempre foi avisada pelos energicos (comentarios) públicos mas não acreditava dada a confiança de que (papel danificado nesta parte) victima com quem ella a principio se fazia acompanhar O povo intimamente está revoltado contra semelhante atentado á sua dignidade e elle nem sequer se resente do crime que praticou e da comunhão á mãe e tia da victima Tome, Excia, providencia energica.<sup>5</sup>(Grifos meus)*

Esta carta ter um tom de denúncia e de certa forma um aviso sobre os atos cometidos pelo padre e que deveria ser punido com justiça ou a mesma seria feita, as demais tratam da investigação dessa denúncia anônima e há ainda as que tentam confortar a perda de D. José. Encontramos ainda no mesmo local uma reportagem no Jornal A Ordem, contendo a noticia do crime contra Arteiro e os motivos além de uma defesa para com o comportamento do Padre, tido como um bom homem, incapaz de atos tão levianos a sua profissão. Pretendemos ir à busca ainda de jornais e outros documento que possam existir sobre o fato, como os já citados nas cartas A palavra, O Povo, Folha do Norte. Com todo o material em mão estaremos aptos a desenhar essa história o mais próximo possível da realidade.

O assunto a qual pretendemos falar vem primeiramente do desejo de repensarmos nossa sociedade, pois desde pequenos somos levados a acreditar na pureza ou na perfeição de certas pessoas que na realidade são iguais a nós, pecadores como nós, essas pessoas são o pilar da religião católica, os pastores que devem levar o rebanho do Senhor a sua salvação eterna, mas

---

<sup>5</sup> Carta enviada a D. José Tupinambá da Frota. Encontra-se arquivada no Núcleo de Estudos e Documentação Histórica (NEDHIS).

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARÁ

acabam por ceder as distintas tentações da qual ninguém esta livre. Desejamos assim retirar o véu que nos foi colocado, quebrar paradigmas que já foram superados mais que insiste em nos perseguir, e assim limpar o que ofusca a visão.

Pensando nisso e ao observarmos o mundo do qual fazemos parte, onde nos deparamos com escândalos que causam assombro, temos claro que os homens e mulheres da Igreja não estariam livres, dessa parte humana que é o desejo pelo outro, diante disso paremos para pensar o porquê de padres estarem sempre envolvidos em escândalos sexuais? O que podemos nos perguntar é por que ocorrem todos estes casos? Por que um padre (um homem como outro qualquer) não pode escolher de livre espontânea vontade se vai manter ou não sua castidade?

Este trabalho tem a pretensão uma preparação para a conclusão do curso prevista para o fim do ano de 2013. Antes de optarmos pelo tema da sexualidade dos padres, tivemos que fazer uma escolha dolorosa, pois sem as fontes não se pode fazer história, abdicar de outro em que teria como fonte principal a História Oral, o que não foi possível devido a problemas de locomoção, devido o objeto de estudos um senhor de mais ou menos 75 anos que atendia por Joaquim da Loca morar em uma loca na Serra Grande na região da cidade de Ipuéiras-CE. Onde agradecemos ao interesse da Professora Dr.<sup>a</sup> Telma Bessa Sales em sua orientação neste tema.

Optamos então pelo tema: “Amaro & Arteiro ficção e realidade se confundem: um crime em Acaraú de 1931” estando sob orientação do Professor Mrs. Dênis Melo, a pesquisa nos oferece mais possibilidades por contra da maior proximidade com as fontes, mas nem por isso será mais simples que a primeira, teremos a difícil tarefa de desvendar nas cartas e jornais da época como se deu tal romance de nosso padre (José Arteiro Soares) com uma jovem moça da cidade de Acaraú, além de fazermos uma comparação com a obra de Eça de Queiros “O crime de Padre Amaro” que se assemelha em parte com o ocorrido em Acaraú nos anos de 1931.

Talvez tenha escolhido este tema por que por muito tempo fui assombrada pela cobrança que é feita a nós mulheres, de nos mantermos, virgens e “puras” a espera de um príncipe encantado que nunca vai chegar e/ou não existe.

“Somos todos iguais perante Deus!”, será que isso mesmo? O que percebemos nos discursos emitidos pela religião é estamos sempre abaixo de alguém, é criada toda uma hierarquia de poderes que nos diferenciam uns dos outros seja político, social e religiosa. Na religião é criada toda uma diferenciação dos ditos pastores entre o rebanho de leigos, desconhecedores dos mistérios da Bíblia. O que estes homens e mulheres tem de melhor que nós? Não somos todos feitos de carne, susceptíveis ao bem e ao mal? Eles por um acaso conseguem resistir inteiramente às seduções do mundo?

Entre estas interrogativas, o que venho a questionar mais é sobre a castidade. Por que ela foi criada? Pode um homem e uma mulher resistir ao toque carnal? Não desmerecendo que possa a ter realmente vocação, mas digo dos que se esconde atrás das batinas, que não tem isso como vocação mais imposição, fato ocorrido no romance de Eça de Queiroz e nos diversos escândalos amorosos de que nos é contado ou mesmo vislumbrado na sociedade, Lustosa da costa em seu livro: “Sobral: cidades de cenas fortes conta alguns casos de padres que como nossos dois personagens acabaram se envolvendo com mulheres, porém estes acabam abandonando a batina, o que é muitas vezes doloroso devido ser uma vocação independente da atividade sexual. Por que um sacerdote não pode ter o livre arbítrio de escolher ter uma mulher ou se entregar apenas a Deus. Digo isso também para a freira, pois se fosse freira não suportaria não poder tocar ou ser tocada.

Jacques Dalarun nos conta que até o século XI o concubinato dos padres não incomodava em nada a Igreja Católica, sendo que os únicos a exercitar os votos de castidade eram os monges. Com a entrada de Gregório VII há tirado desses padres o direito de dizer missa, assim como os fieis da igreja não poderiam seguir tais sujeitos.

Segundo Michel Foucault a partir do século XII vai sendo tecido um teia de discursos que serviriam para silenciar o sexo. A questão da sexualidade começa a ser traçada. O interessante é que as estratégias formuladas para controlar a sexualidade era exatamente falar sobre ela,

claro que em lugares específicos, no caso num confessionário, Estado e Igreja Católica andaram juntas nessa estratégia de silenciar o ato sexual.

Assim devemos nos perguntar por que há na história da Igreja tanto retrocessos que levam a casos semelhantes ao que estamos a tratar em nosso texto. Iremos desse modo e a partir das leituras que dispomos discutir a sexualidade dos padres contida tanto na ficção como na vida real de nossos pastores; criticando assim a questão do celibato que vai contra, a meu ver, a questão do livre arbítrio que tanto prega a Igreja Católica. Trabalharemos dentro de nosso texto a questão do Celibato, da castidade e do amor na perspectiva da religião a partir de que momento os conceitos apresentados foram colocados como regra na vida dos padres e conseqüentemente de uma parte da sociedade. Relacionaremos assim os temas da ficção de Eça de Queiroz com fatos reais ocorridos dentro da Igreja e que continuam a surgir como bombas de escândalos, envolvendo não só mulheres como crianças.

## BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da costa Albuquerque. Rio de Janeiro: edição Graal, 1988.

GOMES, Angela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

PRINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009 pp. 195-222.

PRINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009 pp.61- 91.

MOREIRA,

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.